

LUIS SEPÚLVEDA

O VELHO QUE LIA  
ROMANCES DE AMOR

Tradução de Pedro Tamen

## Capítulo Primeiro

O céu era uma inchada barriga de burro, pendendo ameaçadora a escassos palmos das cabeças. O vento morno e pegajoso varria algumas folhas soltas e sacudia com violência as bananeiras raquíticas que ornamentavam a frontaria da administração da circunscrição.

Os poucos habitantes de El Idilio, mais um punhado de aventureiros chegados das redondezas, estavam reunidos no cais, esperando a vez de se sentarem na cadeira portátil do doutor Rubicundo Loachamín, o dentista, que aliviava as dores dos seus pacientes graças a uma curiosa espécie de anestesia oral.

– Dói-te? – perguntava ele.

Os pacientes, aferrados aos braços da cadeira, respondiam abrindo desmesuradamente os olhos e a suar em bica.

Alguns pretendiam retirar das respectivas bocas as mãos insolentes do dentista e responder-lhe insultando-o como ele merecia, mas as suas intenções esbarravam nos braços fortes e na voz autoritária do odontologista.

– Quietos, carago! Tira as mãos! Já sei que dói. E quem é que tem a culpa? Quem? Eu? Quem tem a culpa é o Governo! Mete isso bem na moleirinha. O Governo é que tem a culpa de teres os dentes podres. O Governo é que tem a culpa de te doer.

Então os aflitos concordavam fechando os olhos ou com leves movimentos da cabeça.

O doutor Loachamín odiava o Governo. Todo e qualquer governo. Filho ilegítimo de um emigrante ibérico, dele herdou um enorme conflito com tudo o que soasse a autoridade, mas os motivos desse ódio perdeu-os no meio de uma pândega qualquer de juventude, de tal modo que o seu palavreado de anarquista se transformou numa espécie de verruga moral que o tornava simpático.

Vociferava contra os governos que se sucediam da mesma maneira que vociferava contra os gringos que vinham às vezes das instalações petrolíferas do Coca, esses forasteiros desavergonhados que fotografavam sem autorização as bocas abertas dos seus pacientes.

Ali muito próximo, a reduzida tripulação do *Sucre* carregava cachos de bananas verdes e fardos de café em grão.

De um dos lados do cais amontoavam-se as caixas de cerveja, de aguardente *Frontera*, de sal, e as garrafas de gás que tinham desembarcado cedinho.

O *Sucre* largaria logo que o dentista acabasse de reparar queixadas, iria subindo as águas do rio Nangaritzza para desembocar mais tarde no Zamora e, depois de quatro dias de lenta navegação, arribaria ao porto fluvial de El Dorado.

O barco, um velho caixote flutuante que se movia graças à decisão do seu mestre mecânico, ao esforço dos homens robustos que compunham a sua tripulação e à vontade tísica de um velho motor diesel, só regressaria depois de passada a estação das chuvas, que se anunciava no céu toldado.

O doutor Rubicundo Loachamín visitava El Idilio duas vezes por ano, exactamente como o funcionário dos Correios, que raramente levou correspondência para qualquer habitante. Da sua maleta gasta só saíam papéis oficiais para o administrador da

circunscrição, ou os retratos dos governantes de turno, graves e descorados pela humidade.

As pessoas esperavam a chegada do barco sem outras esperanças além da de verem renovadas as suas provisões de sal, gás, cerveja e aguardente, mas recebiam o dentista com alívio, sobretudo os sobreviventes da malária, cansados de cuspir restos de dentadura e desejosos de ter a boca limpa de lascas, para experimentar uma das próteses arrumadas em cima de um pano arroxeadado de indiscutível aspecto cardinalício.

Enquanto disparatava contra o Governo, o dentista ia-lhes limpando as gengivas dos últimos restos de dentes, e a seguir mandava-os bochechar com aguardente.

– Bem, ora vamos lá ver. Que tal esta?

– Aperta-me. Não posso fechar a boca.

– Foda-se! Que tipos tão delicados! Vamos lá, experimenta outra.

– Fica-me solta. Se espirrar, cai-me.

– E para que é que te hás-de constipar, meu chato? Abre a boca.

E obedeciam-lhe.

Depois de experimentar diversas dentaduras encontravam a mais cómoda e discutiam o preço, enquanto o dentista desinfetava as restantes mergulhando-as numa panela com cloro fervido.

A cadeira portátil do doutor Rubicundo Loachamín era uma verdadeira instituição para os habitantes das margens dos rios Zamora, Yacuambi e Nangaritzá.

Tratava-se, na realidade, de uma antiga cadeira de barbeiro com um pedestal e os bordos esmaltados de branco. A cadeira portátil precisava da força do mestre e dos tripulantes do *Sucre* para a levantarem, e estava assente, presa pelas pernas, em cima de um estrado de um metro quadrado a que o dentista chamava «a consulta».

– Na consulta mando eu, carago. Aqui faz-se o que eu digo. Quando eu descer daqui podem chamar-me arranca-queixais, fura-queixos, apalpa-línguas, o que quiserem, e até é possível que aceite uma golada que me ofereçam.

Os que estavam à espera de vez mostravam caras de sofrimento extremo, e os que passavam pelas pinças extractoras também não tinham melhor cara.

As únicas personagens sorridentes nas imediações da consulta eram os jíbaros, que olhavam, acorados.

Os jíbaros. Indígenas rejeitados pelo seu próprio povo, o Shuar, que os considerava envilecidos e degenerados pelos costumes dos «apaches», dos brancos.

Os jíbaros, vestidos com andrajos brancos, aceitavam sem protestos a alcunha-nome de campónios impingida pelos conquistadores espanhóis.

Havia uma enorme diferença entre um shuar altivo e orgulhoso, conhecedor das secretas regiões amazónicas, e um jíbaro como aqueles que estavam reunidos no cais de El Idilio à espera de um resto de álcool.

Os jíbaros sorriam, mostrando os dentes pontiagudos, afiados como pedras de rio.

– E vocês? Para que diabo é que estão para aí a olhar? Ainda um dia me hão-de cair nas mãos, seus macacos – ameaçava-os o dentista.

Sentindo que ele estava a falar deles, os jíbaros respondiam felizes.

– Jíbaro bons dentes tendo. Jíbaro muita carne de macaco comendo.

Às vezes um paciente soltava um grito que espantava os pássaros, e afastava as pinças com uma palmada, enquanto levava a mão livre ao punho do machete.

– Vê lá se te portas como um homem, minha besta. Eu já sei que dói e disse-te de quem é a culpa. E depois vens-me com bravatas. Senta-te quietinho e mostra que os tens no sítio.

– É que me está a arrancar a alma, doutor. Deixe-me primeiro beber um gole.

O dentista suspirou depois de atender o último sofredor. Embrulhou no pano cardinalício as próteses que não tinham interessadas e, enquanto desinfectava os instrumentos, viu passar a canoa de um shuar.

O indígena remava compassadamente, de pé, à popa da esguia embarcação. Ao chegar junto do *Sucre* deu uma série de remadelas que o colocaram ao lado do barco.

Assomou à borda a figura entediada do mestre. O shuar estava a explicar-lhe qualquer coisa, gesticulando com todo o corpo e cuspidando constantemente.

O dentista acabou de secar os instrumentos e arrumou-os num estojo de cabedal. Depois, pegou no recipiente com os dentes arrancados e atirou-os à água.

O mestre e o shuar passaram ao seu lado a caminho da administração.

– Temos de esperar, doutor. Trazem um gringo morto.

A notícia não lhe agradou. O *Sucre* era um traste incómodo, sobretudo durante as viagens de regresso, com os flancos carregados de banana verde e café tardio, meio podre.

Se desatava a chover antes de tempo, o que parece que ia acontecer, já que o barco navegava com uma semana de atraso devido a diversas avarias, tinham então que tapar a carga, os passageiros e a tripulação debaixo de uma lona, sem espaço para pendurar as redes de dormir, e se a tudo isso se juntasse um morto a viagem seria duplamente incómoda.

O dentista ajudou a subir para bordo a cadeira portátil e a seguir dirigiu-se para uma das extremidades do cais. Lá estava